

CONCLUSÃO – Uma leitura alegre

Falar em escrita como exercício de contrapoder significa falar na potência de uma letra que neutraliza os estados de poder e inverte a sua significação¹, algo que exige do autor um profundo conhecimento das possibilidades estilísticas do texto literário, pois a introdução dos conteúdos sociais e psicológicos numa obra com o objetivo de exercitar o contrapoder só é possível quando veiculados por um código de arte que potencialize a sua carga musical e semântica.

Para trabalhar de tal maneira o texto é necessário compreender que a palavra é um feixe de significações e o é “*em um grau eminente de intensidade*”². Além da natureza semântica, o signo estético é portador “de sons e de formas que desvendam, foneticamente, as relações íntimas entre o significante e o significado”, liberados por uma prosódia especial que vai construir, somada a uma série de arranjos que chegam até à ordenação tipográfica, ao efeito polifônico.

A polifonia, por sua vez, acaba comprovando que o poder, entendido como uma produção discursiva que anula no outro a condição de sujeito, não se sustenta numa base lógica para conseguir a sua eficácia. Sua sustentação repousa na produção de fantasias, de ficções cujo elemento principal é sustentado pelo medo e pelo preconceito. No caso do *Manual* a fantasia vai se sustentar basicamente na ameaça comunista. Portanto, o discurso que pretende resistir ao poder, o contrapoder, deve tornar evidente a fantasia que sustenta todo o discurso. Por isso no percurso do enredo a constatação de que a Revolução dos Cravos não foi uma articulação da União Soviética é enunciada pelas personagens várias vezes, principalmente nas falas de João e de Sofia. Isso só torna mais anacrônico a descrição de Francisco a procurar por comunistas pela quinta abandonada.

A fala que surge e que revela a contradição também é uma fantasia. No caso, fruto de uma fantasia provocada por uma série de fatores analisados anteriormente - desenvolvimento do processo capitalista, descentralização causada pela guerra colonial, compressão provocada pelo narcisismo- que acabam provocando a cisão do sujeito. A

¹ Bylaardt (2001, p.261)

² Idem, p.430

outra fala desse sujeito cindido, é o elemento que revela o não-dito que vai colocar em contradição o discurso salazarista. Tal fala, obviamente, é a fala obscena.

A fala obscena, observada do ponto de vista do contrapoder, é polifônica e policrônica e a principal qualidade dessa estratégia discursiva é a de sempre trazer o não-dito por meio de um sujeito, um elemento próximo ao poder. Todas as personagens do livro de alguma forma têm uma relação de proximidade com relação a Francisco. A relação de proximidade ainda torna mais intensa as contradições, num crescente que atinge o seu ápice com a fala do próprio Francisco que, em cada relato em que é sujeito, parece reconhecer uma contradição e no último relato acaba por reconhecer não ter mais tempo para sair da clínica e retornar à quinta, isto é, para viver nesse novo tempo.

A morte de Francisco completa o caráter do percurso negativo do contrapoder de uma escrita que, a fim de inviabilizar discursivamente o poder, deve se situar negativamente em todos os planos do discurso, principalmente o passional. E essa é uma contribuição interessante da obra antuniana no que se refere ao contrapoder, pois sua escrita ataca um problema que as práticas de contrapoder geralmente ou se recusam ou são incapazes de intervir. São os investimentos de ordem emocional que sustentam as ficções autoritárias de ontem e de hoje.

Se ontem o poder se manifestava através da tirania doméstica, hoje ele possui o controle dos processos vitais como no caso da clínica onde Francisco acaba internado. O biopoder substituiu a tirania doméstica como instrumento de controle. A transição está na relação passional que o salazarismo produzia nos indivíduos como no episódio da presa analisado no segundo capítulo. Os investimentos de ordem emocional promovidos pelo Estado Novo, no momento em se encontram diante da diferença, provocam um *pathos* que acaba num desejo incontrolável de destruir o outro. Tal *pathos*, por outro lado, possui uma lógica, e essa lógica se sustenta na razão instrumental. A razão instrumental, grosso modo, é “presidida pelo cálculo de custo/benefício na busca de otimização dos meios e em fins predeterminados”³. Uma das consequências desse tipo de relação com o mundo é a separação radical entre sujeito e objeto, uma tendência que evolui para a dominação do sujeito sobre o objeto e que pode chegar até a tentativa de destruição do objeto por parte do sujeito.

³ Maia (2002, p.72)

Se em níveis globais esse desejo se manifesta através na perseguição irracional aos comunistas, na relações pessoais a falta de afeto representa o clímax dessa lógica porque o afeto não deixa de ser uma união entre sujeito e objeto. Logo, dentro da lógica instrumental ele acaba sendo reprimido e as relações interpessoais acabam por se transformar em um meio de assimilação tirânica do outro.

O mal estar de viver numa realidade como essa só é intensificado pela alienação das personagens que, literalmente, vivem uma outra realidade, caracterizada pela fixação num passado autoritário. Cada personagem do romance foi profundamente marcada pelo salazarismo e, em linhas gerais, não consegue se libertar dessa influência. A presença de Francisco em cada relato/comentário é uma forma de representar essa marca, mas a produção subjetiva é completamente desconhecida pelas personagens que ainda estão presas ao paradigma de sujeito do iluminismo que entende o sujeito como um ente plenamente consciente de seus atos e, principalmente, de sua fala.

O que impede as personagens de identificarem essa dimensão subjetiva, analisada principalmente no segundo capítulo, é o Narcisismo. O Narciso nesse romance deve ser compreendido como um Édipo de olhos abertos, iludido com a sua própria imagem. Uma ilusão, assim como no mito clássico, só pode levar à destruição, logo, não surpreende que o Narcisismo leva ao auto-engano de uma Albertina, que não consegue ver a diferença de classe entre ela e Francisco, ou a ojeriza contra os pobres por Pedro e Sofia - que acabam resumindo um ethos extremamente retrógrado, apesar das aparências. Mas para além dessa expressão de um Narcisismo individual, há no *Manual* um Narcisismo alegórico na preocupação de João em construir um barco onde não há mar algum.

A imagem de uma nau sem oceano é a grande expressão desse Narcisismo que ainda não se recuperou da perda das colônias. Apesar da tentativa de negar o impacto da descolonização no imaginário português, essa marca acaba surgindo de uma forma abrupta como no episódio narrado por Francisco no final do livro. A imagem da barraca queimando em Angola encerra o livro e o salazarismo. Eliminado pelos próprios soldados, Francisco é reduzido à condição de coisa, uma cabana, numa passagem de intenso lirismo, é a reificação a aplicação na prática que apenas sob o cadáver do colonizador o colonizado poderá ser livre.

O processo da guerra colonial, que conduz à Revolução dos Cravos, são os últimos passos no processo de isolamento dessa formação ideológica cuja identificação permite uma outra interpretação do romance. Quando *O Manual dos Inquisidores* foi publicado seu autor, Antonio Lobo Antunes, revelou que procurou nesse livro “retratar a direita a partir da própria direita”(Antunes, 1996) e que nessa obra “não há personagens revolucionários, até os pobres são conservadores”(Antunes, 1996). Sob essa ótica o livro assume uma outra caracterização, ele não é um retrato geral da condição humana a partir de Portugal. É claro que a falta de controle total da consciência, que o recurso da polifonia exemplifica bem, é uma realidade para todos; que a falta de afeto num mundo alienado como o nosso também é um fato, e um fato grave. Contudo, o vazio existencial que caracteriza nossa época será ainda mais perverso para aqueles que ainda estão presos as grandes narrativas, principalmente as grandes narrativas reacionárias como o as de matiz fascista e colonialista. Contra elas a escrita de *O Manual dos Inquisidores* é um exercício de contrapoder e uma ironia poderosa. Nesse livro temos a direita encurralada por transformações profundas não tendo outra alternativa que construir uma nau sem oceano ou delirar com a imagem de Dom Manuel.

Talvez a maior prova dessa leitura do romance seja o seu final inconcluso que, desta feita, assume um caráter ético e político importante porque o último comentário, sob a responsabilidade do leitor, não é apenas a proposta de um final de *O Manual dos Inquisidores*, ele é, sobretudo, o convite para assumir a responsabilidade pela (de)formação de um país que passou décadas sob o arbítrio. Um convite para escrever, não o romance de papel, mas o grande livro do mundo *em liberdade*.